

WALQUÍRIA TIBURCIO
PESQUISADORA EM EDUCAÇÃO

|| TÂNIA CRESPO
CONSULTORA PARA PROJETOS NA AMÉRICA LATINA

Observação participante: potenciais e limites



A proposta empreendida pela Reos Partners¹ de desenvolver Cenários Transformadores é tema que instiga a Move por sua relevância política e natureza metodológica. O método constrói histórias de futuros possíveis para questões essenciais à realidade social. As narrativas dos Cenários vão sendo elaboradas em encontros realizados entre atores estratégicos capazes de representar diferentes vozes e posicionamentos sobre os temas estudados.

Os Cenários procuram refletir as forças e tendências em suas diferentes nuances, cores e matizes. A metodologia conduz pessoas de origens e pensamentos diversos a um intenso trabalho colaborativo, não para escrever um futuro que gostariam, mas para pensar em possibilidades a partir da conjuntura atual. A Move foi

convidada a realizar a avaliação de dois processos de Cenários no ano de 2014: um sobre Democracia na América Latina e outro sobre Educação Básica no Brasil.

O processo é norteado pelo compromisso de contribuir no debate público e espera-se que cada cenário atenda aos critérios de relevância, plausibilidade, clareza e desafio². Há também a expectativa de que a construção dos cenários contribua para a configuração de novas capacidades colaborativas entre atores e instituições participantes. Como, porém, conduzir este processo sem abafar ou privilegiar determinados discursos? Pensando nestas questões, a metodologia e a facilitação do processo apresentam-se como importante desafio para a avaliação.

1 - A REOS Partners é uma organização internacional que atua globalmente na área de inovação social com nove escritórios ao redor do mundo. Para maiores informações acesse o site: <http://reospartners.com/brazil>

2 - Critérios previamente definidos pela própria metodologia de Cenários Transformadores e incorporados pela Move como parte do processo de avaliação.



O PAPEL DA MOVE

No desenho metodológico proposto para a REOS, elegemos a observação participante como método potencialmente privilegiado por sua capacidade de lançar um olhar mais íntimo para uma iniciativa que, devido à sua natureza, requeria abordagem menos invasiva e mais “silenciosa”, para não constranger discursos e sentimentos. Pudemos lançar um olhar cuidadoso ao processo, compreendendo relações e movimentos, avanços e recuos, sentimentos e demandas, num cuidadoso exercício de contemplação e diálogo.

Desta forma, estivemos presentes durante todas as oficinas de desenvolvimento dos Cenários com o intuito de observar o processo e oferecer insumos para a equipe facilitadora visualizar o curso do trabalho de um novo ângulo.

Com base na rigorosa atividade que desenvolvemos, assentada em princípios, roteiros e acordos de presença no grupo, apresentamos aqui o que parecem ser potencialidades e limitações da observação participante.

1. A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DEVE SER COMBINADA COM OUTROS MÉTODOS

Uma análise integral dificilmente pode basear-se exclusivamente em um único sistema de pensamento ou técnica. É preciso ampliar a capacidade analítica fazendo uso de informações resultantes de entrevistas, conversas informais e estudos de documentos que facilitem o desenvolvimento de uma narrativa capaz de explicar aspectos de determinada realidade.

A triangulação de métodos apresentou-se, neste caso, ainda mais necessária, pois os discursos carregavam fortes posicionamentos e visões de mundo. Neste sentido utilizar-se de outras fontes de informação funcionou como forma de não supervalorizarmos ou subestimarmos o papel do observador.

Partimos da premissa que diferentes métodos trazem novas possibilidades de leituras sobre o processo, para que aspectos convergentes e divergentes possam ampliar as compreensões e as estratégias de intervenção.



2. A SUBJETIVIDADE DO OLHAR

O olhar de quem observa está condicionado por suas ideologias, sua maneira particular de ver o mundo e o outro. No contexto de desenvolvimento dos Cenários, onde o posicionamento político tem grande destaque, o reconhecimento dos nossos próprios preconceitos, suposições, opiniões e valores, e o reconhecimento dos nossos marcos interpretativos podem evitar que estes produzam vieses acentuados na análise.

3. O “ESTRANGEIRISMO” CONSTRANGE

Estávamos em uma realidade com um papel diferente dos demais participantes, o que criou obstáculos na construção de confiança com o grupo. Estávamos lá, mas não éramos parte. Alguns mecanismos como trocar de tema quando nos aproximávamos, relutância de alguns em responder certas perguntas ou afastamento para conversar fora do alcance de nossos ouvidos, foram, em alguns momentos, barreiras para o acesso à realidade que operava nos encontros.

Percebemos, entretanto, que o lugar periférico que ocupamos pode jogar a favor da avaliação. O papel de filiação periférica proposto

por ADLER (1994) estimula o observador a interagir suficientemente perto com os sujeitos em questão para estabelecer a identidade de membro, sem contudo participar das atividades que influenciam no reconhecimento da identidade do grupo. Este movimento dentro-fora evidencia que o observador, a despeito dos demais atores, não tem um compromisso de transformar a realidade que observa, mas lhe confere possibilidade privilegiada de análise.

Existirão sempre questões que escaparão ao olhar, o que nos mostrou que nenhuma leitura é inquestionável e infalível. Lidar claramente com a limitação, mas também com o alcance do que fazíamos, trouxe forte potência à colaboração entre nós e a equipe de facilitadores.

Mesmo com limites e desafios, a qualidade analítica que a observação permitiu foi crucial diante de um processo denso, que exigiu de nós adentrar a cozinha da prática de facilitação, conhecendo, desvelando e debatendo suas luzes e sombras.

A observação garantiu retornos permanentes à equipe facilitadora, possibilitando pequenos ajustes entre um dia e outro de oficina, bem como sínteses posteriores aos encontros, com insumos importantes para a equipe de facilitação.

BIBLIOGRAFIA

Adler, Patricia A. & Adler, Peter (1994). Observation techniques. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp.377-392). Thousand Oaks, CA: Sage.

DEMO, Pedro, *Praticar ciência: metodologias do conhecimento científico*. Saraiva. São Paulo, 2011

DeWalt, Kathleen M. & DeWalt, Billie R. (1998). Participant observation. In H. Russell Bernard (Ed.), *Handbook of methods in cultural anthropology* (pp.259-300). Walnut Creek: AltaMira Press.

Kawulich, Barbara B. (2006). La observación participante como método de recolección de datos [82 párrafos]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research* [On-line Journal], 6(2), Art. 43, <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0502430>.

Pichon-Rivière. Técnica de observación de grupos. Clase dictada en el Curso de actualización y perfeccionamiento docente, de la Universidad Nacional del Nordeste, Argentina. Publicado originalmente en ILUSIÓN GRUPAL N°2. UAEM, Cuernavaca, 1989